

## Dourado pulsa no coração de São Paulo

Foto: divulgação Prefeitura

No início do século 19, quando Minas Gerais apresentava declínio na extração das minas de ouro, começou um movimento migratório para o interior paulista. As caravanas de famílias em busca de alternativas seguiam por longos caminhos. Um deles passava pela Vila de Araraquara. Perto dali, na Serra do Dourado, nascia um pequeno burgo com as famílias mineiras. Por volta de 1850 começaram a ser feitos os registros oficiais de terra e o cultivo do café.

A cafeicultura era tão forte, e os trilhos da ferrovia tão distantes, que a cidade criou em 1900 uma ferrovia própria, a E.F. do Dourado.

Até 1930 Dourado viveu um grande crescimento econômico. Chegou a ter 18 mil habitantes. Depois com a crise do café, cultura que ocupava cerca de 60% da área do município, a agricultura continuou sendo o esteio da economia com o algodão e o milho, depois a laranja e, mais recentemente, a cana-de-açúcar, mas nada comparável aos bons tempos da década de 20. Em 1990 a população retraiu para 5.500 moradores. Hoje a cidade tem perto de 9 mil habitantes.

Como a população diminuiu, não há déficit habitacional. 95% da cidade têm rede de asfalto e iluminação pública. A água é fornecida a 100% da população, porém não há tratamento de esgoto. O lixo tem destino correto há menos de 3 anos. O aterro sanitário foi construído para ter vida útil de 15 anos, mas pode chegar a 30, se for implantada a coleta seletiva.

A nota do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) dos alunos das escolas municipais de Dourado tem sido motivo de orgulho. As metas foram alcançadas muito antes do prazo estipulado pelo MEC, chegando até 6,1 em uma das 4



Antiga sede de fazenda abriga a Prefeitura e vai virar museu

escolas municipais, patamar estipulado para 2015. A aposta na capacitação e atualização dos professores é, segundo a administração municipal, a responsável pelo sucesso dos alunos.

Na área da Saúde: 3 postos de saúde, 1 pronto-socorro 24 horas e um hospital filantrópico atendem toda a população. Além disso, 3 Programas de Saúde da Família fazem o atendimento preventivo nos bairros da cidade. Há ainda programas especiais de acompanhamento para controle da diabetes, hipertensão e doenças mentais. Clínicas de fisioterapia, odontologia e diagnóstico por imagem completam o atendimento.

Os idosos de Dourado são muito bem tratados, afinal 13% da população têm mais de 60 anos. O quesito longevidade, somado à baixa taxa de mortalidade infantil, levaram a cidade a se destacar no Índice Paulista de Responsabilidade Social. Na escala de zero a cem, a cidade alcançou 86. A Diretora de Assistência Social do



município, Lavise Fontini, tem 80 anos e coordena pessoalmente os projetos para os idosos. Segundo ela, o segredo é viver bem e aproveitar tudo o que a vida oferece. A prefeitura dá sua colaboração. Oferece cursos de natação e hidroginástica. E como manter-se ativo é um dos segredos da longevidade, oferece também 18 cursos de geração de renda para os mais velhos.

Apenas uma indústria de grande porte está instalada na cidade: uma fábrica de rações para pequenos animais. Outras 20 pequenas indústrias, todas moveleiras, completam o parque fabril. Um distrito industrial está sendo formado para um ousado projeto, atrair para a cidade indústrias químicas e ligadas às áreas marítima e aeronáutica. A proximidade com a Embraer, em Gavião Peixoto; com a TAM, em São Carlos; com o curso de Engenharia Marítima, da Fatec Jaú; e a quantidade de usinas na região despertaram o interesse da atual administração. A prefeitura solicitou ao Centro Paula Souza a instalação de cursos técnicos para suprir uma futura demanda.

O turismo é outra fonte de renda para a cidade. Localizada no centro do Estado de São Paulo, Dourado não está distante mais do que 413 quilômetros de nenhuma cidade paulista. É o centro geográfico do Estado, conhecida como "Cidade Coração". Aproveitando a bela paisagem montanhosa e a proximidade com a cidade de Brotas, destino tradicional de esportes radicais, o município tem atraído muitos visitantes. Quatro boas pousadas e hotéis fazendas oferecerem a tranquilidade do turismo rural, recheado de opções de aventura como *rafting*, mega-tirolesa, *cascading*, caiaque e *bóia-cross*.

Dourado soma a experiência dos mais velhos com o desejo de inovação e prosperidade, em cada batida de seu coração.



## Novo governo dos EUA: sensibilidade à flor da pele



O pedido foi feito diretamente por Washington: visitar diversos setores do agronegócio brasileiro para avaliar como a crise financeira internacional está afetando cada um deles.

Daniella Ballard, Vice-Consulesa para Assuntos Econômicos e Políticos da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil; Michael J. Whipple, Vice-Cônsul para assuntos de vistos; e Morgan Perkins, Diretor do Escritório do Departamento de Agricultura do Consulado Americano em São Paulo, viajaram pelo interior paulista e Triângulo Mineiro para contatar políticos, sindicatos, associações e empresas.

As cadeias produtivas visitadas pelo grupo foram as de pecuária de corte e leite, passando pela indústria calçadista de Franca, café e cana-de-açúcar. Câmaras de Comércio nas cidades de Ribeirão Preto e Uberaba também foram contatadas, na tentativa de divulgar o interesse do governo Barack Obama em preservar as boas relações com o Brasil, e estimular o intercâmbio entre cidades-pólo, inclusive na área cultural.

Na região de Ribeirão Preto o grupo visitou empresas do setor sucroalcooleiro. A visita na Usina da Pedra, em Serrana, aconteceu dez dias antes do início da safra, mas não decepcionou a Vice-Consulesa, que pela primeira vez entrava em uma unidade industrial de produção de açúcar e etanol. A conversa começou com uma apresentação do Grupo Pedra Agroindustrial, seguida de muitas perguntas sobre os investimentos da empresa e do setor neste momento de crise.

Segundo Daniella, o que o governo americano quer é entender o que está acontecendo no Brasil, para depois avaliar como evoluirá a relação comercial entre os dois países. "Existe a possibilidade e a oportunidade de mudanças, mas sem prazo definido. Vamos colher as informações e relatar as impressões para Washington", completou.

Morgan Perkins, que atua diretamente junto ao agronegócio, já visitou diversas vezes a região, e conhece bem o setor sucroalcooleiro. Pediu paciência para os brasileiros. Segundo ele, não acontecerá em curto espaço de tempo

nenhuma mudança na política comercial dos Estados Unidos. "Neste momento a nova administração está focada na crise financeira, e o novo Ministro da Agricultura já falou claramente para os que estão esperando mudanças que o momento é de paciência", disse Perkins.

Para ele a questão do etanol brasileiro deve ser olhada pelo lado positivo, já que a última administração americana desencadeou um movimento para o fortalecimento do mercado mundial de etanol. Quanto ao acesso ao mercado americano, ele comparou os Estados Unidos de hoje ao Brasil dos anos 70, onde o mercado interno ainda estava sendo formado, assim como a infra-estrutura de comercialização e logística. E ressaltou: "Os EUA já consomem, direta ou indiretamente, 2/3 do etanol exportado pelo Brasil, cerca de 10% da produção nacional, no montante de US\$ 1 bilhão. Neste momento a preocupação primordial é proteger o desenvolvimento do setor dentro dos Estados Unidos", completou.



Vice-Consulesa americana visitou as principais cadeias produtivas do interior de São Paulo e Sul de Minas para colher informações sobre o agronegócio brasileiro. O material servirá como base para a nova política comercial dos EUA

# Kátia Abreu – fôlego novo para velhos problemas

Mais de 300 pessoas, na maioria homens, lotaram o plenário da Câmara Municipal de Ribeirão Preto para ouvir a Senadora Kátia Abreu, Presidente da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil, a CNA.

Vindos de diversas cidades da região, produtores rurais se misturaram às lideranças regionais para verificar se o que andam lendo no noticiário, sobre o discurso da primeira mulher a representá-los nacionalmente, é realmente verdade.

O evento teve duas vertentes: a política, marcada pelo encontro de duas mulheres fortes dentro do Partido Democratas, Kátia Abreu e Dárcy Vera, prefeita de Ribeirão Preto; e a de representação. O encontro com produtores e lideranças deverá ser realizado em diversas outras regiões do Brasil, para unir e fortalecer o “mundo” rural. A CNA representa 27 Federações, 2.142 Sindicatos Rurais e mais de um milhão de produtores.

Muito simpática, e mantendo seu discurso ao mesmo tempo terno e firme, Kátia Abreu falou o que os produtores queriam ouvir. Disse que não quer exercer esta liderança solitariamente, mas ouvindo e conclamando os maiores interessados, os produtores rurais brasileiros. Começou explicando o binômio que ela escolheu para marcar sua atuação à frente da CNA: “Afirmação e Ruptura”.

A “Afirmação”, segundo ela, é a valorização do papel do homem do campo na economia brasileira. A “Ruptura” é contra os preconceitos que este homem ainda sofre. “Como pode o produtor rural que é competente e eficiente, que leva o Brasil à liderança na produção e exportação de diversos produtos, que é responsável pelo sucesso da balança comercial brasileira ter uma imagem tão negativa perante a população urbana? Situação que prejudica principalmente a for-

matação de políticas públicas para o setor”, completou.

A mudança, segundo a Presidente da CNA, não deve ficar apenas no discurso. Deve ser uma mudança de atitudes. Plantar alimentos é uma profissão que deve ser respeitada como qualquer outra, que deve gerar renda, auferir lucro: “Não trabalhamos numa instituição voluntária de caridade. Política de abastecimento tem que ter mão dupla. Alguém tem que pagar a conta do lado de cá”, disse, arrancando aplausos dos produtores.

Nos próximos meses a CNA vai focar 3 ações: a reestruturação da política agrícola, principalmente crédito rural e a transformação da propriedade em empresa rural; a questão ambiental; e o planejamento da defesa agropecuária.

O crédito rural, sistema criado há 44 anos, é uma das prioridades. Foi formado um grupo de trabalho que reúne os Ministérios da Fazenda e da Agricultura, o Banco do Brasil e a CNA para discutir medidas emergenciais e para aprimorar o modelo e criar novos instrumentos de financiamento à produção. Segundo Kátia Abreu, nada será feito sem consultar os produtores.

A formalização da atividade rural é outro ponto a ser atacado. O produtor rural passará a ser uma pessoa jurídica, tributada em padrões especiais, com uma espécie de Simples Rural. De acordo com a Senadora, esta é a única maneira de tirar a atividade da informalidade, que leva o setor à marginalidade. O economista Guilherme Dias foi contratado especialmente para cuidar desses assuntos.

A defesa agropecuária deve ser cuidada a partir de uma reforma na legislação, adiantou a Senadora. Não adianta ter uma lei sem conseguir cumprir e acabar prejudicando as negociações com outros países. O que o País precisa é credibilidade para colocar seus produtos no mercado, e ao



mesmo tempo atender bem o mercado interno. O trabalho começará com pilotos em 5 cadeias produtivas.

O tema mais esperado foi tratado no final: a questão ambiental e o direito de propriedade. A CNA vem utilizando trabalhos elaborados pela Embrapa Monitoramento por Satélite para mostrar a inaplicabilidade da legislação ambiental brasileira. Em São Paulo, exemplificou a Senadora, se a lei de Reserva Legal fosse aplicada, demandaria um investimento de R\$ 37 bilhões. “Mas as fazendas paulistas são centenárias. Já estavam abertas antes da elaboração do Código Florestal, em 1965. Quem vai pagar esta conta? Só o produtor?”, perguntou para a platéia.

“Como explicar o inexplicável, onde canetadas transformam terras produtivas em áreas de conservação,

áreas indígenas ou quilombolas. Há respaldo científico para explicar as porcentagens da Reserva Legal, ou porque cada índio brasileiro precisa de 240 hectares de terra, enquanto o americano de 50 hectares?”

Kátia Abreu afirmou existirem apenas 2 saídas para a questão ambiental: a jurídica e o Congresso Nacional. A jurídica representa uma luta mais longa, com milhões de medidas e processos sendo impetrados se a “batalha” no Congresso for vã. No Congresso Nacional a prioridade deve ser a regulamentação do que já foi consolidado, e a adoção da ciência como argumento contra a ideologia e o radicalismo.

Para isto ela convocou a todos. Pediu o e-mail dos produtores para se comunicar de forma mais rápida

com eles. Conclamou os sindicatos a instigar a participação dos produtores nas discussões das políticas agrícolas, e a ensiná-los a lidar com o computador. Cursos de 16 horas serão oferecidos para que os produtores rurais aprendam o básico e possam se informar e participar das discussões da CNA.

Ao final de 2 horas de apresentações a reação do público foi de “satisfação”. “Até que enfim” a valorização da imagem do homem do campo ganha contorno nacional. “Até que enfim” a ciência será usada como contraponto à ideologia na discussão do Código Florestal.

O Presidente do Conselho Diretor da ABAG/RP, Eduardo Diniz Junqueira, lembrou que na região de Ribeirão Preto, há mais de 8 anos, é feito um trabalho de Valorização da Imagem do Agronegócio, com veiculação de filmes institucionais nas principais emissoras de TV. Os filmes mostram como o agronegócio faz parte da vida das pessoas nas cidades; como a produção no campo influencia o desenvolvimento da região; revela a diversidade de produtos por ela produzidos; mostra a ligação do emprego da cidade com a produção rural; desmascara alguns mitos como a incompatibilidade entre produção e preservação ambiental; entre tantos outros assuntos. Além disso, o Programa Educacional “Agronegócio na Escola”, revela aos estudantes da rede pública da região a dimensão e a importância econômica e social do agronegócio. 90 mil alunos da rede estadual de ensino já foram beneficiados.

A ABAG/RP, lembra Eduardo Junqueira, desde 2001 vem trabalhando pela inclusão da ciência nas discussões ambientais. O “Sistema de Gestão Territorial da Região Nordeste do Estado de São Paulo”, trabalho em parceria entre a ABAG/RP e a Embrapa Monitoramento por Satélite,

comparou o uso e ocupação das terras na região Nordeste do Estado de São Paulo nos anos de 1988 e 2003. Mais do que isto, o Sistema possibilita simular o efeito da aplicação de políticas no setor, entre elas a do Código Florestal, lei 4771 de 1965, alterada pela MP 2166/67. As simulações dão uma boa idéia do quanto a região perderia com a arrecadação de impostos, com a geração de empregos e de renda, se a lei fosse aplicada ao pé da letra onde a agricultura está consolidada há mais de um século.

Manoel Ortolan, Presidente da Canaoste, Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo, lembra que várias frentes vêm trabalhando para solucionar os problemas do setor, mas com a postura da CNA de buscar a “soma”, de ordenar um trabalho em todo o Brasil, e de fazer o chamamento dentro do setor, o esforço pode ser recompensado. “É importante saber que temos à frente da nossa entidade maior uma pessoa tão ativa e tão preparada quanto a Senadora. Sua disposição para o enfrentamento dos problemas é incomum”, concluiu Ortolan.

A empolgação com a apresentação estava em todas as conversas.

“Eu ouvi tudo o que queria, e tudo coincide com meu modo de pensar. Nós sentimos estes problemas na própria carne. Eu concordo com ela. A média é que dá certo. É preciso ouvir a todos. Uma pessoa só, quando erra, erra tudo de uma vez”, disse Geraldo Junqueira, Vice-Presidente da Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlandia (Carol).

O produtor Arnaldo de Souza Meireles fez questão de dar seu recado diretamente para a presidente da CNA: “Ai de nós homens, se não fossem as mulheres. Estava precisando de uma mulher para colocar o Brasil para frente na nossa área. O recado passado é perfeito e veio em boa hora”.